

**“Sinais que substituem os conceitos das coisas, encontramos-los
nos poetas”**

Kant sobre a faculdade de designação

*“Signs that replace the concepts of things, we find them in the
poets”*

*Translation of excerpts from
Kant’s Lectures on Anthropology*

Tradução de excertos
de Lições de Antropologia de Immanuel Kant

*Translation of excerpts from
Kant’s Lectures on Anthropology*

FERNANDO M. F. SILVA*

Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa, Portugal

Da facultate characteristica (1772/1773)¹

* Fernando M. F. Silva. Investigador de Pós-Doutoramento do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Endereço electrónico: fmsilva@yahoo.com.

¹ O presente contributo consiste na tradução para língua portuguesa de excertos de lições de antropologia de Kant; mais concretamente, excertos de lições sobre o tema da faculdade de designação humana. Como em ocasiões anteriores, optámos por fazer uma tradução rente ao texto original, mantendo numerais, expressões latinas, sublinhados, estrangeirismos e tanto quanto possível a pontuação constante na *Akademie-Ausgabe*, entre outras formatações. No corpo do texto fizemos incluir, entre parênteses rectos, a numeração respeitante

Antropologia Collins

(AA 25.1: 126)

[126] O uso dos sinais é um assunto de grande importância. Existem certos sinais que mais não devem fazer do que ser meio para produzir os pensamentos; mas existem também outros que devem substituir a coisa e a falta do conceito. Ao primeiro género pertencem as palavras, mediante as quais a nossa faculdade de imaginação é animada; elas que, de resto, reproduzem em nós representações conjuntas das coisas. Ao segundo género [pertencem] as imagens pictóricas dos poetas; [imagens] de coisas como, por exemplo, a inveja[.] A serenidade do ar, a beleza de um sereno dia de Verão, podem representar a paz de espírito². Se se quiser exprimir em uma outra língua a paz de espírito, tem de se usar uma outra palavra; mas a imagem disto pode manter-se a mesma em uma língua estrangeira. Do mesmo modo, também um mar tempestuoso pode ser uma imagem de um homem inquieto. Por conseguinte, caracteres e símbolos são diferentes. Uma representação cujo lugar uma outra possa tomar, designa-se por um símbolo. Para acompanhamento dos nossos conceitos temos necessidade de palavras, pois mediante os sentidos pode-se conhecer *melhor* as coisas. Se os conceitos são abstractos, então tem de se empregar muitas palavras. Por exemplo, temperança, modéstia, equidade, *brandura*. Mas com respeito às representações que caem nos sentidos, pode-se poupar nas palavras.

Das imagens sensíveis propriamente ditas, ou símbolo (1772/1773)

Antropologia Collins

(AA 25.1: 126-127)

Os homens estão tão dispostos para estas, que só mediante imagens as crianças podem aceder precocemente ao conhecimento. O génio das nações orientais é rico em imagens, a filosofia destas consiste na escolha de boas imagens; daí que os *hieróglifos* [127] dos

à AA. O presente contributo deve ser lido em conjunto com o ensaio “Kant, céptico da linguagem?”, presente neste mesmo número da revista Con-textos Kantianos.

² N. T. A opção aqui tomada, “paz de espírito”, diz respeito a uma expressão comumente cunhada em várias línguas, e por isso facilmente reconhecível no seu significado. A expressão significa, se traduzida literalmente, tranquilidade de ânimo, quietude de espírito [*Ruhe des Gemüths; Gemüths-Ruhe*].

egípcios impressionem tanto. Imagens são sinais da insipiência da nação, pois uma vez que [os orientais] não pensaram a fundo as coisas, então têm de se servir de imagens. A sublimidade do modo de escrever oriental provém das imagens; o entendimento quase não conheceria, se as representações não fossem acompanhadas de símbolos. As imagens têm um grande poder, pois elas representam as próprias coisas. Assim representam títulos, ofícios, distinções, riquezas, etc., o homem que os possui. As vestes, as ordens, tudo isso são símbolos, até mesmo a religião está repleta de símbolos, os quais, porém, não são o espiritual ele mesmo, antes são disso apenas a imagem. Só que, amiúde, procede-se com estes a ponto de se olhar mais aos símbolos do que às coisas elas mesmas, e por fim pensa-se mais no título do que no mérito mediante o qual se deve granjear aquele. Todas as formalidades, solenidades, cerimónias, etc., são representações simbólicas de secreta significação. Para se despedirem de outros que ou desempenharam um grande papel, ou que se notabilizaram, ou que de resto lhes eram caros, homens demonstram isto mediante vestes negras, o dobrar dos sinos, etc. Quanto mais as imagens sensíveis tomarem os sentidos, tanto mais se exige entendimento para descobrir a coisa correcta. Quem fala dos homens e dos deveres destes para com Deus, pode fazê-lo de modo muito rico em imagens, ele pode comparar Deus com um rei e os homens com aqueles que estão sob as suas ordens. Esta representação pode por certo incutir reverência, mas daí podem também nascer muitos erros. Se algo me há-de servir para deste modo, como por um fio, melhor usar o entendimento, isso não posso eu vê-lo como algo semelhante ao conceito. [...]

Dos sinais dos quais o homem se serve (1772/1773)

Antropologia Parow

(AA 25.1: 338-341)

[338] Há certos sinais que são mero meio para atrair representações, e outros que substituem o conceito da coisa. Sinais da primeira espécie são palavras, mediante o uso das quais apenas a nossa faculdade de imaginação é animada. Mas sinais que substituem os conceitos das coisas, encontramos-los nos poetas, e estas são as imagens de que eles se servem: como a imagem da inveja. Assim, a serenidade do ar pode ser vista como um sinal que representa o conceito de paz de espírito de um sábio. Imagens e palavras são por isso muito diferentes, pois, para atrair esse mesmo conceito, as palavras têm de ser alteradas consoante a diferença das línguas, ao passo que uma imagem pode assumir o lugar de um e o mesmo conceito em toda e qualquer nação. Ora, um tal sinal que substitui a

representação de uma coisa, a esse se chama símbolo, o qual se diferencia dos caracteres. Para acompanhamento do conceito precisamos de palavras; quanto mais o conceito residir no sentido, tanto menos se precisa de palavras, mas quanto mais abstractos forem os conceitos, de tanto mais palavras se precisa. Queremos considerar em maior detalhe os símbolos. Os homens têm uma grande inclinação para as imagens, de tal modo que, às crianças, só mediante imagens lhes podem ser veiculados conceitos. Assim é o génio de todos os povos orientais: eles são especialmente ricos em imagens e isto é uma prova de falta de compreensão. No símbolo, coloca-se no lugar das coisas outras, semelhantes [339] imagens sensíveis; mas que as imagens têm um muito grande poder, depreende-se [do facto] de que os homens fazem acompanhar tudo de símbolos. Assim, os títulos são símbolos de estrato [social]. Vestes são símbolos de riqueza, a ordem é um símbolo de graça, aliás, até mesmo nos nossos costumes religiosos exteriores dominam muitos símbolos. O mais triste aqui é isto: que os homens se podem deixar trazer a meramente permanecer colados aos símbolos, e, em favor destes, esquecer a coisa ela mesma. Olha-se apenas ao título sem se ponderar como, e por que méritos, alguém pôde tornar-se digno de este ou aquele estrato [social]. Assim, todos os símbolos e solenidades são representações de secreta significação; por exemplo, o luto. Por isto se depreende, pois, que para penetrar no véu dos símbolos é exigida grande razão, tanto mais, quanto mais os símbolos tomarem os sentidos. Para além disso, estes símbolos trazem ao homem um conjunto de erros. Por exemplo, Deus é representado como um príncipe e os homens como súbditos; este símbolo é bom, só que o homem comum esquece que o príncipe tem necessidade dos súbditos, e estes daquele, e que o príncipe *não consegue perscrutar o coração dos súbditos, razão por que* o homem se habitua a servir Deus apenas exteriormente, ainda que no coração ele pense de modo completamente diferente. Por conseguinte, há que precaver que não se tome a imagem sensível por uma semelhança *na qualidade da determinação. Um conhecimento é simbólico se, mediante o fio condutor da semelhança, se chegar ao conhecimento; um pregador pode pregar de modo simbolicamente belo, embora o sermão não tenha verdadeira beleza; isto é, embora ele não produza a resolução de um melhoramento. Números são representações simbólicas de grandeza; mas se houverem de ser intuitivos, eles têm de ser aplicados a uma coisa. Ao se pretender tornar compreensível a nativos da Gronelândia a quantidade de habitantes de Londres, não se lhes disse o número, mas sim que havia tantos destes que eles poderiam devorar uma baleia ao pequeno-almoço. Hasselquist, na sua viagem pelo Egipto, constatou que tinha um conceito muito especial das pirâmides [340] antes de viajar para o Egipto, mas que, em vista das mesmas, esqueceu que algum dia soubera [algo] sobre elas. Por vezes, um símbolo serve apenas para nos tornar distinto um outro conceito. O Professor Keill, de Cambridge, calculou [o número de] pequenas partículas que de um único espécimen de *assa foetida* ascendem no ar, ainda que o número daí resultante seja muito grande: deste modo, é bom de ver o número. Mas para suscitar admiração, ele elegeu um outro modo de calculação. Ele calculou [o número de] grãos de areia que se encontram no monte Pico, que tem uma milha de altura e 5 milhas de amplitude, e, tendo feito isto, disse que em um espécimen de *assa foetida* estariam tantas pequenas partículas quantos os grãos de areia que existiriam*

em 5 montes que fossem tão grandes quanto o Pico. Isto gera assombro. Por vezes, homens podem falar de coisas de tal modo que alguém os entenda integralmente, mas não entenda a coisa ela mesma. Do mesmo modo, homens podem falar de modo sentimental ainda que não tenham nenhum sentimento. Porque os homens muito ouvem louvar virtudes, neles as palavras surgem aliadas a semelhantes frémios, embora eles mesmos não estimem a virtude. As mulheres perguntam mais por aquilo que as pessoas dizem de uma coisa do que pelo valor da coisa ela mesma; por isto se explica que, por simpatia, elas exprimam em certas palavras respeito ou despeito para com uma coisa. Por isso não se pode exigir da mulher aquilo que vai além das suas forças; por exemplo, não se pode exigir delas uma demasiado grande generosidade, pois porque elas não estão constituídas para reunir fortuna, então tão-pouco a poderão dissipar. Meras palavras podem ser ligadas a um homem com sentimento. Por exemplo, se se ler em um escritor inglês que Vulcano forja as flechas de Júpiter, e aí mistura relâmpagos, granizo, trovões e espessa escuridão: então aqui as meras palavras comovem. Se se quiser comover alguém no momento, é bom que se use palavras comoventes. Mas em sermões, tudo depende da própria questão sobre a qual se prega.

Klopstock não é de todo um poeta em sentido próprio, pois ele comove por simpatia, por falar comoventemente; mas se ele for lido com sangue frio, os seus escritos perdem muito. Ele serve-se [341] não raras vezes de uma linguagem extremamente incomum, que por vezes é meio-polaca, ele fala de modo partido, e mostra quão comovido está. Por conseguinte, se se ler algo, há que ver se o que comove é a linguagem ela mesma, ou a imagem na qual a coisa surge representada, ou se são apenas as palavras.

Da facultate característica (1775/1776)

Antropologia Friedländer

(AA 25.1: 536)

[536] Caracteres e símbolos são de diferenciar. Símbolo é uma imagem sensível, caractere é apenas uma designação. Imagem sensível é uma imagem que tem uma semelhança com a coisa ela mesma. Caractere nada significa em si mesmo, antes é apenas um meio para designar algo, como o são, por exemplo, as cifras, as letras. Elas servem para realçar outras representações como que mediante um *custos*. Assim, o nome de um homem é um *custos* desse homem, do qual eu me recordo quando o vejo, ou ao nomear este nome, o qual, segundo a analogia, significa algo imediatamente; por exemplo, Ricardo o Leão. Para os

nossos conhecimentos, enquanto sinais do entendimento, nada se presta tão bem quanto palavras, pois em si elas não significam outra coisa; assim, o entendimento pode associar a isso o devido conceito. Mas quando são imagens, as quais significam outra coisa, o entendimento queda-se confuso, ele tem então 2 imagens, em vez de ter uma. Símbolos só podem ser usados onde as representações não são difíceis[;] todos os símbolos são por isso meio de representação maior. Quem fala mediante símbolos, mostra que lhe falta entendimento. Assim são todos os povos orientais, os quais representam todos os seus conceitos mediante imagens; aí se inscreve a história do Sheik Nadir. Aqueles que nos nossos tempos imitam este modo de escrever fazem grande tortura ao entendimento. Aos povos orientais, é-lhes quase impossível falar mediante conceitos. [Isso] temos a agradecer aos Gregos, que primeiramente se libertaram do caos das imagens.

Dos sinais (1781/82)

Antropologia Menschenkunde

(AA 25.2: 1023-1025)

[1023] Servimo-nos da imaginação e da sua lei de associação de três modos: mediante recordar, mediante predizer e mediante designar. Da memória e da predição falámos já; abordamos agora o designar, na medida em que tratamos a faculdade característica do uso dos sinais. É bom de *ver*: a nossa imaginação *liga* representações, de tal modo que as nossas representações se associam entre si, e, conquanto as tenhamos ligado de múltiplas maneiras, uma serve para a produção da outra. Para isto servem os sinais, os quais existem para designar a existência das coisas: ou [por] *demonstratio*, se eles forem sinais da existência real das coisas no tempo presente, [ou por] *rememoratio*, se eles mostrarem a existência das coisas no tempo passado, ou [por] *prognostica*, os quais são sinais de coisas no tempo futuro. Mas existem também sinais que designam conceitos. Estes sinais são substitutivos, *characteres vicarii*, da sorte que são os sinais numéricos. As cifras substituem *sempre* o conceito, de tal modo que eu procedo com elas como se tivesse o conceito de grandeza. Enquanto eu procedo com os sinais, não penso senão no mero conceito, mas o resultado dá-me *o pensamento* por inteiro. *Sinais concomitantes* são as nossas palavras, as quais eu não posso pôr no lugar do conceito. Assim acompanham as palavras os conceitos, de tal modo que, [1024] se eu tenho [de algo] uma palavra, recebo também do mesmo o conceito. Se se ler algo em uma língua desconhecida, antes se logrará traduzir isso para uma língua conhecida, do que para uma estranha. Pode-se entender prontamente um livro em língua estrangeira, e dizer o que ele significa na nossa língua materna. Mas, a partir da nossa língua materna, não nos será tão fácil traduzir algo para

uma estrangeira; pois, porque a palavra em si nada significa, antes é apenas uma reverberação arbitrária, então ela não pode ser ligada com nada a não ser com o conceito da coisa. Mas porque, quando tenho a coisa, eu não me consigo recordar tão facilmente de uma palavra estrangeira, pois com uma coisa bem poderiam estar ligadas 100 palavras, então eu posso por certo encontrar facilmente as palavras para as coisas na minha língua materna, mas não tão facilmente as traduzirei para uma língua estrangeira; pois aí, eu devo chegar imediatamente da coisa a uma outra palavra, e isto é difícil. A palavra estrangeira, que é um certo sinal arbitrário, não está tão exactamente ligada com o conceito da coisa quanto o está a coisa com a palavra a que eu me habituei na minha língua materna; a reverberação da palavra tem *aí já* conexão com o conceito, e é por isso que não me é tão fácil encontrar para ele uma palavra em língua estrangeira. Palavras são meros sinais concomitantes, e não substituem um conceito, como o fazem os sinais de álgebra e as figuras na matemática. Por vezes, recorre-se a sinais especiais que não têm com a coisa rigorosamente nenhuma semelhança; por exemplo, quando na matemática se quer comprovar a lei da queda *e* da gravidade dos corpos, designa-se o tempo mediante uma linha e a velocidade da queda mediante uma outra, e depois completa-se o triângulo, o qual há-de ser o espaço que descreve um corpo em queda, ainda que um corpo não tenha a mínima semelhança com o espaço que um triângulo descreve. Mas, não obstante, ele é aqui um novo, igualmente substitutivo sinal, e a álgebra é aí em geral excelente; os sinais concomitantes são comumente muito arbitrários, eles são *signa illustrantia*, quando têm de ser um meio para entender melhor a coisa, e têm de estar sempre com a coisa em semelhança. Outrora chamou-se-lhes símbolos, da sorte dos que se encontram nos egípcios. A verdadeira causa dos mesmos parece ter sido a primordial insuficiência da linguagem; eles não [1025] tinham nenhuns sinais linguísticos, e por isso tinham também falta de conceitos abstractos, e tinham de usar para isso outras coisas, as quais, mediante semelhanças remotas, lhes proporcionavam os conceitos. Assim, por exemplo, o deus Anúbis com a cabeça de cão era uma ilustração da vigília; uma serpente enrolada sobre si mesma [era] uma ilustração do ano. A escrita dos chineses consistia originariamente em meros símbolos, como se depreende de muitos dos seus caracteres. Os sinais linguísticos são em geral algo singular, e é uma questão importante, [a que pergunta] como poderá ter sido inventada a primeira escrita por letras. A escrita chinesa é, como alguns afirmam, uma escrita de coisas, pois ela descreve sempre directamente as coisas. Por esta razão, a escrita chinesa é utilizada também pelos seus vizinhos, os quais não entendem uma palavra em chinês. – Mas os chineses têm também um tão monstruoso número de sinais, que o mínimo de que se precisa para a labuta diária são 8000 sinais, e aqueles que vêm a tornar-se letrados, que querem aprender a ler e a escrever, não raras vezes acabam por estudar até à imbecilidade, por força de tantos sinais. Estes são genuínos *litterati*, no verdadeiro significado da palavra. A escrita destes não é nenhuma escrita de letras, antes consiste em muitos caracteres, mas aquele que primeiro fez a invenção de escrever palavras era por certo uma cabeça muito profunda. [...]

A faculdade de designação (1788/1789)

Antropologia Busolt

(AA 25.2: 1473-1474)

[1473] Esta não pertence de todo à determinação do tempo, antes é uma faculdade da imaginação que ocorre mediante a associação (*Association*). – Ela é uma faculdade para ligar representações mediante certos sinais. Um meio de produzir uma representação a partir de uma outra é um sinal. Os sinais são de duas espécies: concomitantes e substitutivos; por exemplo, dos primeiros são as palavras, [1474] dos segundos as imagens de uma língua. Se um sinal é empregue para acompanhamento, mas para além disso significa ainda algo diferente, então ele é um símbolo. Este símbolo é, devido à semelhança, um sinal substitutivo. Palavras podem ser sinais, mas não símbolos das representações. Mediante palavras as representações não podem ser simbolicamente representadas; antes elas são meras companheiras das representações. Elas são o que melhor se *presta* para a *designação* de conceitos, na medida em que visam apenas *associações*, e não semelhanças; mediante palavras que são mera reverberação os pensamentos não se dispersam, daí elas servirem melhor para o pensar.

Dos sinais. *Facultas signatrix vel characteristic* (1791/1792)

Antropologia Dohna

(PH: 129-131)

Servimo-nos da imaginação e da sua lei de associação de três modos – mediante recordar, prever e designar. Da memória e da previsão (*Praesagition*) tratámos já. Debruçamo-nos agora sobre o designar, ou: *Da faculdade do uso dos sinais*.

Os sinais servem para produzir uma representação mediante a outra, e designam ou

1. A existência, ou 2. Os conceitos lógicos da coisa.

Os sinais que visam a existência das coisas são:

1. demonstrativos, se forem sinais da existência real da coisa no tempo presente.

[Quando homens empalidecem, isto é um sinal de medo ou de ira. Quem na ira empalidece, esse é de temer no lugar. Mas aquele que aí ruboresce, tal não é o caso. Pois esse guarda rancor.]

2. rememorativos, se mostrarem a existência da coisa no tempo passado.

3. prognósticos, se representarem a existência da coisa no tempo futuro.

A pulsação é para o médico um sinal demonstrativo da existência ou não de febre. A indumentária é um sinal demonstrativo de condição e riqueza, mas uma ordem [é-o] do mérito de um homem. Sinais rememorativos são, por exemplo, as antigas inscrições, bem como as camadas terrestres, os depósitos coníferos, as fossilizações, estes são sinais rememorativos do antigo estado da terra. Sinais prognósticos são muitas coisas naturais, em especial os prenúncios de tempestade, sobretudo todos os sinais prenunciadores de espécie supersticiosa. [Também, entre outros, a *facies Hippocratica*, isto é, certos traços <na face>, em face dos quais se pode predizer com certeza a morte de um homem. Os médicos ainda acreditam nisto.]

II. Os sinais que designam os conceitos são:

1. Sinais substitutivos. Desta espécie são os sinais numéricos. Os indianos são os verdadeiros inventores das cifras 1, 2, 3 até 9 e 0, mediante o que se está em condição de exprimir os números mais elevados. Os Árabes trouxeram esta importante invenção para a Europa. É de pasmar como, até essa altura, os Romanos lograram com os seus incómodos números fazer de modo tão correcto e exacto os mais difíceis cálculos.

2. Sinais concomitantes são as nossas palavras. Elas devem estar em alguma analogia com as coisas. Enquanto as línguas estão na sua infância, recorre-se aos símbolos, por falta de palavras que designem os conceitos abstractos. Assim, entre os egípcios, o deus Anúbis com a sua cabeça de cão era uma ilustração da vigília. Assim se representou Júpiter Amon como um homem com cabeça de carneiro, pois, supostamente, preferiu-se domesticar a ovelha à vaca, e aquela tornou-se útil ao homem. O templo deste Júpiter Amon deve estar ainda num oásis (deserto) de Barca. Nutre-se ainda esperança de o descobrir. [...]

[Do mesmo modo, também os selvagens <americanos>, que não sabem escrever, têm o hábito de escrever os seus feitos em cortiça, mediante símbolos [...].

Um homem da nação do castor, de seu nome três flechas (do tronco dos ursos), assassinou três homens.

Também a dita crença em fetiches (do português fetisso³, eu enfeitiço), que no fundo é obra de pantomima, e o grilo verde, o qual representa justamente o mesmo em Madagáscar, outras coisas na América e na Índia, peles de marte, e no Industão: isso [...] são símbolos. [...]

³ Kant refere-se naturalmente à palavra portuguesa “feitiço”.

Bibliografia

KANT, Immanuel (1901ff.), *Gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Königlich-Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin (Akademie-Ausgabe), Berlin: Georg Reimer. (AA)

KANT, Immanuel (1965), *Die Philosophischen Hauptvorlesungen Immanuel Kants. Nach den neu aufgefundenen Kollegheften des Grafen Heinrich zu Dohna-Wundlacken*, hrsg. Arnold Kowalewski, Hildesheim: Georg Olms Verlag. (PH)